

UMA EXCURSÃO A CASTRO-LABOREIRO

(NOTAS NUMA CARTEIRA) (1)

Em 1904, estando a veranear nas Agoas do Peso, fiz uma excursão a Castro-Laboreiro em companhia do Rev.º Manoel José Domingues, Abbade de Melgaço. A excursão foi muito breve. Partimos num dia de manhã, e voltámos no dia seguinte depois de almôço. Tomei porém algumas notas ethnographicas e dialectologicas que poderão ter utilidade para os estudiosos; e por isso aqui as publico, pouco mais ou menos na mesma fórma em que as tomei.

Castro-Laboreiro fica na serra, em uma das regiões portuguezas mais rusticas, por tanto preciosissima para investigações ethnologicas. Ha, de facto, a seu respeito já um «ensaio anthropologico» dado a lume por Fonseca Cardoso na *Portugalia*, II, 179 ss., e algumas referencias avulsas publicadas *ibid.*, II, 360, no que toca a trajos, pelo fallecido Rocha Peixoto, que igualmente se refere a Castro-Laboreiro num artigo que escreveu nas *Notas sobre Portugal*, I (1908), 73 ss., acêrca das fórmas da vida communalistica no nosso país. Vid. tambem: o *Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho* de Sebastião José Pedroso, Lisboa 1844, pag. 29-30 (2); o *Minho Pittoresca* de J. A. Vieira; e entre outros tratados de Geographia, o *Portugal ant. e moderno* de Pinho Leal, II, 205 ss.

A palavra *Castro-Laboreiro* está por *Castro-do-Laboreiro*, pois nos compostos d'esta especie a particula articular *do* reduz-se a *de*, que depois cae ás vezes: cfr. *Ponte de Lima*, por *do Lima*, *beira-mar* por *beira-do-mar*. O povo em vez de *Castro* diz sempre *Crasto* (e sem *Laboreiro*). Esta palavra não é mais que o lat. *castrum*, que no latim da decadencia significava «*oppidum*» (3); ella applica-se no nosso país aos montes em que ha vestigios de fortificações da epoca lusitanica (4): Castro-Laboreiro deve pois ter sido na origem um *castrum* proto-historico. *Labo-*

(1) Este artigo com quanto esboçado, e quasi todo redigido, logo depois da excursão, só agora o pude concluir para o prelo.

(2) Nos *Ensaio Ethnographicos*, IV, 435-436, reproduzi o que elle diz de Laboreiro.

(3) Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 82.

(4) Cf. *O Arch. Port.*, I, 3 ss.

reiro vem do lat. *leporarium* «lugar em que se criam lebres, coitada ou tapada em que se criam animaes, feras, gado etc.» (Bento Pereira, — *Prosodia*, s. v.); cfr. *Coelheira* — *Coelheiros*, *Lobeira* — *Lobeiros*, *Raposeira* — *Raposeiros*, *Gallinheiro*, *Formigueiro* etc., que são vulgares no nosso onomastico geographico, onde tambem apparece simplesmente *Laboreiro*. Entre esta última fórma e *leporarium* houve *Leboreiro*, fórma attestada em documentos do seculo XIII (1); houve do mesmo modo *Leboreira* (2).

O nome patrio dos habitantes de Laboreiro é *Crastejos*, que assenta na fórma popular *Crasto*, já citada (3); o suffixo *-ejo* nestes derivados não é muito freqüente, mas posso citar a mais: *Ferralêjo* (de *Ferrel*), *Poêjo* (de *Pó*); cfr. *Torrejano* = *Torr-ej-ano*.

*

Como disse, partimos de Melgaço, o Sr. Abbade e eu, uma manhã, ás 9 1/2, — montados em mulas, e acompanhados de duas robustas mocetonas, calçadas de grossos *çocos* (i. é, *çocos* ou «socos»), e com *polainas de branqueta*. Não pareça descortesia irem dous homens com mulheres por arreeiras; é este o costume local.

Fomos subindo montes, e atravessando miseros logarejos: Cavalleiros; Cabana, Villa do Conde, Candosa, Ladrunqueira; neste último as nossas companheiras beberam vinho mosto por uma malga, em uma venda.

Ao passarmos por Fiães, visitámos as ruinas do convento que ahí se vêem entre bons campos, em meio do mysterioso silencio que outr'ora convidava os monges á meditação; a entrada para lá é uma bella alameda de carvalhos. A igreja conserva ainda as suas portas ogivaes (4). Diz-se que em tempos viera para aqui a imagem de uma santa, que fez que num campo proximo rebentassem agoas milagrosas que encheram um tanque; ha muito que os milagres acabaram, mas a lenda, que já tem o seu prototypo antigo na de Hippocrene, continúa a occupar a mente do povo, sempre propensa a maravilhas, especialmente por estes lindos sitios do Alto-Minho, onde cada elemento da Natureza, fonte, ribeiro, collina, penhasco, arvore, ajuda

(1) Vid. *Onomastico de Cortesão*, *sub voce*.

(2) Vid. *Cortesão*, *ibidem*, *sub voce*.

(3) Vid. *Uma excursão ao Soajo*, Barcellos 1882, p. 34.

(4) No *Minho Pittoresco*, I, 7-9, vem uma noticia e uma gravura da igreja de Fiães.

a conservar os mythos poeticos do passado, e promove a criação de outros novos.

Em vez de pinheiros, que abundavam até agora, começam a ver-se unicamente *vidos* ou *bidos* (i.é, «vidoeiros» ou «bétulas») (1), carvalhos, e plantas rasteiras. Continuámos a subir, e chegámos ao sitio do Outeiro da Loba, que na sua denominação dá ideia da fauna local; depois chegámos a uma aldeia chamada *A Alcobaça*, palavra bastante curiosa, já por ser precedida do artigo *a*, já porque serve para desfazer o êrro dos que supoem que a villa de Alcobaça, na Estremadura, deve o seu nome aos rios Alcoa e Baça. Vê-se que *Alcobaça* foi expressão commum e bastante geral: além dos dois citados exemplos, temos *Alcobacinha* no districto de Santarem, e *Alcobaza* na Hespanha.

Na Alcobaça termina propriamente a colheita do milho, e principia a do centeio. O milho, como é raro, recolhem-no em *canastros* de vergas de carvalho,—especie de sebes de carro, tapadas com cupulas de colmo; peculiaridade esta d'aqui, e de Lamas de Mouro, que fica proximo.

Pouco depois entrámos na freguesia de Castro-Laboreiro, pelo lugar de Porto de Cavalleiros: casas cobertas de colmo (na Alcobaça já algumas), que, vistas de longe, mal se distinguem, na côr, dos giganteos penedos de granito que as rodeiam. Portellino, logo em seguida, é povoação da mesma categoria. Contarei uma aventura que me aconteceu aqui. Quando vou a alguma aldeia, costume examinar os teares, porque ás vezes os pesos d'elles ou tem fôrma artistica, ou são objectos archeologi-

(1) *Bido* ou *vido* está por **bideo*, ou *viduo*, que se conserva em galego a par de *bido*; cfr. em Portugal *Vidinho* (nome de um sitio no concelho de Cinfães), *Vi* (= *Biduedo*), *Vidueiro* (e *Vidueiros*), e *Vidual*, fôrmas que tambem fazem presuppção em português antigo; na Galliza ha *Bidueiras*, *Bidueiro* (e *Bidueiros*), e *Bidu* nas Asturias *Biduedo*. Todas estas fôrmas tem *i* na syllaba inicial. A par ha, em Portugal, *Beduido*, na Galliza *Beduedo*, nas Asturias *Beduledo*. Sem dâvida *Beduledo* e *Beduedo* vem de **betula*-**betulus*. Quanto ao nosso *Beduido*, poderá explicar-se tambem assim, ou por dissimilação de **bídido*. O difficil é explicar a mudança do e tónico de **betula*-**betulus* no *i* de *bídido*, tanto mais que ella é muito antiga: já no sec. XIV temos *Viduedo* e *Bídaa*, e no sec. XIII *Biduedo*,— como pode ver-se no *Onomástico* de Cortesão. A snr.^a D. Carolina Michaëlis diz simplesmente «*bido*, de *betulus* na *Rev. Lusit.*, III, 173, e Garcia de Diego «*bídido*, de *betula*», sem darem a razão da mudança. Como *i* por *e* atono não seria insólito, poderia primeiro ter-se formado *bidueiro* de **bedueiro*, e respectivamente *bíduedo* etc., d'onde, por derivação regressiva, sairia *biduo* (cf. *amendoeira*—*amêndoa*, *Agutetra-água*, *nevocetro-néoa*, em que vemos palavras primitivas, ou supostas tais, com vogal tónica seguida de um digrafo vocalico); como porém o *i* é antigo, talvez no lat. pop. **betula*-**betulus* influisse uma fôrma germanica a que corresponde o alto-alem. ant. *bircha*, al. mod. *Birke*, ingl. *birch*, onde se mostra *i*, e do cruzamento saisse **bitula*-**bitulus*. Quando, como no caso presente, a documentação antiga é imperfeita, precisamos de recorrer a hipoteses, nem sempre completamente satisfactorias.

cos, achados casualmente no campo, e applicados para aquelle uso; em Portellino vi um tear, e pedi á tecedeira,— uma velha, em mangas de camisa, com o collete muito rente ao corpo, e grossas polainas—, me deixasse entrar em casa, no que ella de boa vontade consentiu, pois cuidou que eu era carpinteiro; a breve trecho, porém, como a nossa gente do campo vive sempre debaixo do pesadelo dos tributos, suppôs-me fiscal da fazenda, e toda se affligiu, sendo precisa a conciliadora intervenção do Sr. Abbade para lhe incutir sossêgo, e eu poder sondar em descanso o vetusto aparelho penelopeu, que infelizmente nada tinha especial.—Do nome de uma planta que ha pouco citei como indigena da região vem o do lugar de Vido ou Bido, que tambem atravessámos, e que não sobrepuja os precedentes. Ao lado fica Varzea Travessa. Por fim entrámos na *villa*, que é como os Crastejos chamam á sua terra, visto que ella o foi algum dia. Ainda que as instituições sociaes mudem, o vulgo, que está afeito á linguagem tradicional, conserva esta longo tempo, em contradicção com os factos.

Apesar da sua rusticidade, Castro-Laboreiro procura acompanhar o progresso: possui algumas lojas de negócio, uma fonte de cantaria, e um Commendador, que é ao mesmo tempo o Professor primario da frêguesia, o Sr. Mathias Lobato, pessoa amavel, a quem os forasteiros ficam sempre devendo obsequios.

Ao longe o castello, posto num alto, provocou logo a minha visita, porquanto esperei encontrar ahi alguns vestigios proto- ou prehistoricos; na sua última fase, é todavia de epoca portugueza, o que se vê da architectura e de uma inscripção. Nada encontrei no interior. Sem embargo, quem procedesse a excavações, talvez encontrasse qualquer cousa junto d'aquela mole de granito, onde, por causa da inexpugnabilidade do sitio, que fica de mais a mais entre dois regatos, jazeu certamente o primitivo *Castro*. De lá se goza ampla vista de aldeólas, por exemplo, Corveira, Laceiras, Barreiro, Açoreira, Meijoeiro (quartel permanente da guarda fiscal), Dorna, Entalada, Pontes, Mareco, solitarias, entre arvoredos e montes. Várias d'ellas servem de *inverneiras* (1). Em contraste com ellas ha as *brandas*, por exemplo, Portos, Seara, Eiras, onde se passa o verão; a palavra *branda* está, quanto a

(1) «No inverno os Crastejos abandonam as povoações do alto, e recolhem ás suas choças no fundo dos vales, as *inverneiras*, para as quaes transportam o seu limitado trem de cozinha, instrumentos de trabalho, as roupas e o gado». *Minho Pittoresca*, 1, 22.

mim, por **verãnda* < **veranata*, e corresponde á hespanhola *vernada* «Zeit, die das Vieh auf den Sommerweiden zubringt» (1); cfr. de um lado, o gall. e crastejo *gando*, e hesp. *ganado*, e do outro, o hesp. *braña* «pasto de verano», de **veranea* (2).

No dia da nossa chegada havia na *villa* feira de gado. Tive por conseguinte ensejo de observar muitos homens juntos: apresentavam-se geralmente de cara rapada, vestiam de çaragoça (jaqueta, calças e collete) (3), traziam chapéu de panno ou carapuça, e varapau. Mulheres, por ser de gado a feira, não andavam lá muitas. O traço ordinario d'ellas é: camisa; faxa vermelha; collete; jaqueta; saia branca; saiote; saia de côr, quasi sempre preta, feita de *fóloado* «panno de lã de ovelha ou de linho», que se fabrica em Castro; *mandil*; *singuidalho*, do mesmo ou de outro panno (4); na cabeça *capella*, que pôde ser substituída por lenço; nas pernas *calções* e *piucas*, meias sem pé, que se prendem com uma liga ou *baraça*; e nos pés *chancas* (5). As outras peças de vestuario já acima me referi. No inverno, tanto homens como mulheres se abrigam das neves, chuvas e friagens com o *corucho*, especie de capuz de burel que se traz na cabeça, e tem uma especie de aba que se prolonga pelas costas abaixo; a palavra *corucho* provém talvez de *corona* + suff. *-ucho*.

O sr. Abbade de Melgaço é natural da frêguesia de Castro, e por isso facil lhe foi apresentar-me em muitas casas para eu observar os costumes.

Uma das industrias caseiras mais correntes é a de fiar. Ha grande variedade de rocas no nosso país, e cada uma das peças e componentes d'ellas tem seu nome: assim a parte bojuda, onde se colloca o fiado, chama-se em Castro *rocانço*, e apresenta tres saliencias; o cone truncado que cobre o *fianço* cha-

(1) *Zeitschrift f. rom. Philol.*, xxx, 428 (Subak).

(2) Körtling, *Lat.-Rom. Wb.*, s. v. — Nas Asturias chamam «*brañas* ou *veranas* los agostaderos en las cumbres de las sierras, donde pastan los ganados en el verano»; vid. *Boletín de Sc. Academia de la Hist.*, lxx, 10; a pág. 42 fala-se de outras «*brañas* ó lugares de los vaqueros». — A palavra *branda* nada tem com a fr. *brande*, como supuz em 1862 no meu opusculo intitulado *Uma excursão ao Soajo*, p. 33.

(3) O collete, que em algumas partes da Galliza se diz *sertin*, diz-se em Castro. Laboreiro *chaleco* (com *ch*). Há parallelismo com o mirandês: *sartim* em Sendim, *jáléco* (com *j*) em Duas-Igrejas.

(4) Serve de *mandil*. Cfr. *Portugalia*, II, 375: *singuidalho* crastejo ou *sanguidalho*, «que fórma triangulo á frente».

(5) «Homens e mulheres d'aquí usam de polainas de burel brancas e *chancas* (specie de sandalias, com a *soia* de páo, presa ao pé por corréias)»: vid. Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, II, 297. — Cfr. *Minho Pittoresco*, I, 20 (gravura).

ma-se *naipo*, por ser feito de cartas de jogar (naipe) ⁽¹⁾. *Fianço* é o nome do fiado. Os fusos são de duas especies: de ferro, para linho, e de pau, para lã; adquiri alguns mais curiosos, que trouxe para o Museu Ethnologico. Aos pesos de tear (feitos de madeira) ouvi dar o nome de *catolcas*.

A cozinha consta de: *lareira*, *borrallheira*, especie de camara para recolher o borrarho, coberta por uma lage que se chama *copeira* ou *pilheira* ⁽²⁾; *escanos*, postos ao lado da lareira, para se sentarem; *almario*, simples prateleira para louça; *masseira*; *fumeiro* ou «canniço», pôsto superiormente á lareira, para ahi se enxugar a roupa; *arraz*, caixa para guardar os cereaes.

Os Crastejos servem-se, mais ou menos, de pratos de madeira, tanto para comerem, como para conservarem a comida. Eu vi d'estes pratos. Tambem se usam *cuncas* «malgas» ou «tigelas» da mesma substancia; d'antes todos comiam nellas, hoje porém só as crianças. Consta-me que esta «loija» se fabrica na Galliza, e se exporta de lá para o Alto-Minho. Ha colhéres de madeira, que se chamam igualmente *cuncas*. A fórma masculina *cunco* applica-se a uma gamella de pau para se bater a massa do pão antes de ir para o forno, ao que se chama *patiar o pão* (em S. Gregorio dizem *afupar o pão*). Acerca de *cunca* < lat. concha vid. G. de Diego, *Gram. hist. gallega*, § 41, 8. A par d'isto pôde citar-se *corno* «copo de chifre»; é corrente a frase: «dá-me um *corno d'agoa*» ⁽³⁾.—Já Estrabão diz que os montanhesez da Lusitania se serviam de vasos de madeira, como os Celtas: ἑλθόντες δὲ ἀγγελίαι χερσίνται, καθάρτερο καὶ οἱ Κελτοὶ ⁽⁴⁾. O costume vem, pois de longe. Por todo o Portugal estão em voga colhéres, gamellas, baldes de madeira; pratos todavia não sei que existam noutra parte senão no extremo Norte; tijelas, denominadas *escudelas*, vendem-se ainda no Porto, e tenho-as visto applicar á comida das crianças e dos gatos.—*Camboeira*, palavra derivada de *cambão*, (i-é, *camboim*) significa um movel composto de uma haste com taboas de cada lado para ter pães, carne, etc.; assemelha-se á *queijeira* da Beira.—O systema de pesar é á antiga: adoptam pesos de pedra com uma argola de ferro (de arroba para cima), —o que se observa em muitas outras localidades.

(1) Acerca das rocas ha um artigo de Visira da Natividade na *Portugalia*, t. II, fasc. 4 (Alcobaça). Pela minha parte direi que possuo desenhos de rocas de varios pontos do pais, com a competente nomenclatura, e que no Museu Ethnologico reüni grande numero d'ellas (de canna e de pau).

(2) Na Beira-Alta *pilheira* é a propria camara.

(3) Cfr. uma cantiga do Soajo que publiquei em *Uma excursão ao Soajo*, pág. 23.

(4) *Geographia*, III, III, 7 (ed. de Meineke).

Para iluminação das casas, os mais pobres fazem uso de *guiços*, que são pedaços de urzes sêcas (*gândaros*), de queirogas sêccas e de tojos secos, descascados do tempo, e que se accendem á maneira de vela: sustentam-nos na mão, ou espetam-nos num buraco da parede; de vez em quando *esmoncam-nos*, quebrando no chão a parte carbonizada, para os reaccenderem. Na Galliza acontece o mesmo, e o nome é igual, só se escreve com *z*. Com os guiços concorrem vantajosamente candeias de lata, suspensas em seu *velador*, como é geral no Norte e Centro do país; outr'ora havia-as de ferro, e alimentavam-nas de *sil* ou banha de porco. A palavra *sil* é bastante curiosa, pois corresponde na significação, e em parte na fôrma, ao latim *adeps suillus* (*suilla*); só tem de se admitir o adjectivo (depois substantivado) **suilis*, isto é, **suile*, formado de *sus*, como o substantivo *suile* (cfr. *suinus*).

Terminarei aqui a parte descritiva, mencionando a *cama*, palavra que significa propriamente «leito de madeira»; assim se diz: «o carpinteiro faz uma cama». A *cama* consta de um caixão grande, com quatro *banzos* ou pernas, que terminam superiormente em pirâmides. Os mais pobres ali dormem sobre palha, envolvidos numa manta de burel (sem enxergão, nem lençoes); de travesseiro serve um farrapo ⁽¹⁾. Num dos *banzos* da cabeça enrola-se o rosario em que rezam.

Passarei agora a dizer duas palavras acêrca da linguagem.

Phonetica.— Diz-se *mã* «mão», *chã* «chão», com *a* aberto (mais ou menos; talvez aberto só na emphase, e fechado no falar normal); *cãda cã*: temos aqui o mesmo fenomeno que em gallego (*man, chan*). Ouvi *lã* (aberto). Diz-se *coraçom*, como tambem em gallego (*curazon*) ⁽²⁾: fôrma portuguesa arcaica. Fenomenos analogos ao galego são igualmente: *cã, pã, stã, bẽ*. Ouvi *manhã*, e *menhã*, como é vulgar no país. Á fôrma nasalada *mãi*, da nossa lingua litteraria, corresponde aqui *mai*, que rima com *pai* (em gallego diz-se *mai* e *naï*). *Muito* é do mesmo modo sem nasal (gallego *muíto* e *móito*). Entre nasal e vogal intercala-se π (*n gutural*): *nũ* π é; *tamẽ* π eu.—O ditongo *ou* sôa *õu*, como no resto do Minho. Ha differença entre *s* e *r*, como geralmente acontece na raia; ha *b* por *v*; *ch*.

Morphologia.— A palavra *pantasma* é do genero feminino,

(1) No *Minho Pittoresco*, 1, 16, vem um desenho do leito de Castro-Laboreiro.

(2) Em gallego escreve-se *n* final, á hespanhola, mas *-on* representa uma vogal nasal como em portuguez.

por acabar em *-a*, o que também se observa em português antigo em *phantasma*, que lhe corresponde (1). — Pronomes: *nin-gãna* «nenhuma», *che* «te» em *fáço-che*. — Verbos: *fui foche foi fomos fostes fôrô* (i, é, -ôm atono. não -î), *tube tubeche tôbo tubemos tubêstes tubêrô*. A mór parte d'estas fórmãs são lá antiquadas; só as mulheres as usam, raro os homens. Diz-se até, para riso, a seguinte phrase que caracteriza o arcaísmo da linguagem de Castro: *foche a bineche u deche-l' ò pecho a metêch' ò gando?* «foste e vieste e deste-lhe ao fecho (2) e meteste o gado?». Outros verbos: *bôu bás bai imos ídes bâ* (não ha *iba*); *fije fijeche fezo fijemos fijêstes fijerô*; *quije quijeche quiso* (3) *quijemos quijêstes quijêrô*. A 2.ª pessoa em *-che*, e a 3.ª em *-o* são muito proprias do gallego. — Fórmãs várias: *eu poïssa* «eu possa» (lat. *posseam), *eu côido* «cuido», *faziã* «fazião», *som* «são», *pô* «poem».

Amostras de poesia popular. — Ouvi algumas cantigas, que em parte servirão ao mesmo tempo de textos para conhecer a lingua:

Adeus, ó bila de Crasto,
As costas lh'eu bôu birando;
Im que lh'eu as costas bire,
Meu coração bai chorando.

Fita berde no chapéu,
Meu amor, nũ lh'a ponhais:
Dá-lh'o bento, abole, abole (4)...
E eu côido que m'açanais!

Adeus, ó bila d'Acrasto,
Probência de Tras-os-Montes,
No dia que t'en nũ bêjo,
Meus olhos são duas fontes (1).

Heid' amar o cordom berde,
Im quanto tiber berdura;
Hei-d'amar a quem quijer,
Q'inda nũ fije scitura.

Adeus, ó terra de Crasto,
As costas te bôu birar:
Bôu para o bal de Chabes (2),
Donde m'eu bôu desterrar.

Neste lenço deposito
Lágrimas que por ti choro,
Por nũ poder alcançar
Os braços de quem adoro.

(1) Sobre outros phenomenos da mesma classe, vid. *Lições de Philologia Port.*, p. 405-406. — *Pantasma*, com *p-*, também se usa no Algarve (*Rev. Lus.*, IV, 336), e na Andaluzia (*Zs. für rom. Phil.*, t. V, 1881, p. 365, onde Schuchardt aventa que o *p* não corresponde a *ph* latino, mas resulta de influencia de *espantar*, o que talvez não seja, pois também temos *espera* < *sphaera*). Em Santander ha *pentasma*, porém esta palavra não é comparavel ás outras, porque os Bizcaínhos confundem *f* e *p*: *Mugica, Dialect. castell.*, 1, 2 e 12.

(2) De madeira.

(3) Ou *quijo*?

(4) Esta cantiga é uma variante insciente de uma cantiga applicada a Vila-Real de Tras-os-Montes.

(5) «Vale de Chaves».

(6) O verso ouvi-o assim: «dá-lh' o bento, abole», mas evidentemente falta o segundo verbo, por isso o acrescentei. A quadra é muito expressiva.

Esses teus lindos olhos
Som cadeias de bom ferro,
Prisões que me a mim sigurã...
Eu outras já as nũ quero.

Alfaiate, guarda a filha,
Nũ na ponhas á janela,
Os soldados da marinha
Nũ tirã π os olhos d'ela.

Alfaiates nũ som homes,
Nem se lhe póde chamar:
Quando pérdim õra agulha,
Logo se pô a chorar!

Vocabulario.—Aqui agrupo alphabeticamente os vocabulos mais especiaes que citei acima, e outros que colhi a par.

abulir, bulir. Vid. pg. 277.

açanar, acenar.

acismos, exorcismos. Presuppõe como fórma intermedia **exocismos*.

almôrço, almôço. Quanto ao *al-*, cf. hesp. *almuerço*; mas aquella fórma tambem se encontra em portugês classico.

almario, armario. Vid. pg. 275.

anho, cordeiro.

arcaz, caixa. Vid. pg. 275.

banzo, coluna da cama.

borralheira (na cozinha). Vid. pg. 275.

banda. Vid. pg. 273.

cabeçalho (no carro). Vid. «carro».

cama: Vid. pg. 275.

camarros, -as. Alcinha que se dá aos naturais de Pedroso (região da frêg. de C. Laboreiro, e que comprehende Formigo, Teso, Curral do Gonçalo, Eiras, Padresõiro, Seára, Portas).— Dizem que o nome provém do de uma planta do mato, porém não sei ao certo.

cambas. Vid. «carro».

camboeira: Vid. pg. 275.

canastro: Vid. pg. 272.

capela (vestuario). Vid. pg. 274.

carro. As principais peças são: *cabeçalho*, *chavelhas*, *stadulhos*, *chedas*, *ladral* e *rodas*. Vid. «rodas».— *Stadulho* creio virá de **statuere* (u)lu-, nome verbal de *statuere* (cfr. *statumen*), como *governalho* < *gubernac(u)lu*. Acérca de *cheda* vid. D. Carolina Michaëlis nos *Jahresberichte* de Vollmöller, v., 338. *Ladral* vem de *laterale*.

catolea, peso de tear.

chaleco (vestuario). Vid. pg. 374, n. 3.

chancas, tamancos. Vid. pg. 274.

chavelhas: vid. «carro».

cinta: vid. «carro».

copeira (na cozinha): vid. pg. 275.

çoques (çocos ou socos).

córno, copo de corno.

corucho (vestuario): vid. pg. 274.

cunca, tigela. Tambem significa «colhêr» de pau. Vid. pg. 275.

cunco (gamella): vid. pg. 275.

Craстеjo, habitante de Castro Laboreiro. Vid. pg. 271.

debandõira, dobadõira. A fórma *debandõira* é etimologica, isto é, vem de **debãadoira* < **depanatoria*; cf. *debar* < **debār* < **depanare*, derivado de *panus* «canella de fiado» (Bento Pereira). O etimo de *debar* foi dado por D. Carolina Michaëlis, *Studien zur hispan. Wortdeutung*, Florença 1885, § 15. — De *debar* fez-se *dobar*, por influencia da labial *b*: cf. *dobaixo* = *dubaixo* de *de baixo*. Em algumas localidades diz-se *dobar*, com *o* aberto, que assenta no *o* de *dobo*, *dóbas* etc.

eixo: vid. «rodas».

em que (sõa *im que*), «ainda que». É arcaico.

escano: vid. pg. 275.

esmoucar (corresponde a «espevitare»): vid. pg. 276. — De boa vontade explicaria eu *esmoucar* por *es-moucar*, trazendo assim mais uma justificação da explicação que de

- mouco*, por Malchus, deu a Sr.^aD. Carolina Michaëlis nas suas *Studien zur hispan. Wortdeutung*, Florença 1885, § 28: como *esmoucar*, na lingua comum, significa «esboicelar», conteria esse verbo a ideia primitiva que depois nos apparece modificada em *mouco*. Propriamente ex-^{*}malchare «ternar Malco», «desorelhar», «esboicelar».
- foloado**: vid. pg. 274. De *foloar*: participio substantivado. Propriamente *fuloar*, derivado de *fulão* «pisão».
- galha**: vid. «galheira».
- galheira**, forcado de madeira ou de ferro, de tres galhos, para se apanhar o mato depois de cortado e se colocar no carro que o ha-de conduzir. Quando tem dois galhos; chama-se *galha*.
- gândaro** (esdruxulo): vid. pg. 276.
- gando**, gado.
- gato** (na roda). Vid. «roda».
- guicho**: vid. pg. 276.
- im que**: vid. «em que».
- inverneira**: vid. pg. 273.
- jenela**, janella. Corrente no país, a par de *jinela*.
- labisome**, lobishomem.
- ladral** (no carro). Vid. «carro».
- Lagarteiros -as**): alcunha dos povos do Ribeiro, na frêguesia de C. Laboreiro.
- lareira**: vid. pg. 275.
- lhama** (na roda): vid. «roda».
- mile** (na roda): vid. «roda».
- múito** (sem nasal): muito. Cf. pg. 276.
- mái**, mãe. Cf. pg. 276.
- naipo** (na roca): vid. pg. 274.
- ningura**, nenhum. Cf. pg. 276.
- pantasma**, phantasma, aparição nocturna. Cf. pg. 276-277.
- patiar**: vid. pg. 275.
- pilheira**: vid. pg. 275.
- pontáda**, ponto dado com agulha. Propriamente «acto de dar ponto».
- rocanzo**: vid. pg. 274.
- roda**. A roda do carro tem as seguintes peças (principais): *cambas*, *mile*, *lhama* (chapa que reveste a orla da roda), *gatos* (de ferro), *eixo*.
- rompe-cabeças**, brinquedo infantil, de pau, composto de várias peças, que se armam e desarmam.— Cf. a minha *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, pg. 212.
- sil**: vid. pg. 276.
- singuidalho** (peça de vestuário): vid. pg. 274.
- solagado**, guardado, escondido.
- soleira** (parte da cama).
- stadulho**, orificio nas chedas do carro. Como na lingua comum *estadulho* é o mesmo que «fueiro», tomou-se aqui estadulho pelo orificio onde ele se introduz (metonymia).
- tapúas**. Diz Pinho Leal, falando de C. Laboreiro: «D' aqui sahem no inverno para Trás-os-Montes e outras terras mais de 200 homens a fazer paredes de mattos e campos. Chamam a estes pedreiros *tapúas*». Vid. *Portugal ant. e mod.*, II, 207.
- velador**: vid. pg. 276.

A linguagem de Castro-Laboreiro relaciona-se pela sua phonetica (-ã, -om, mai) e pela sua morphologia (*che*, *foche*, *tôbo*, *côido*, *som*, *pom*) com as falas fronteiriças que estudei na *Rev. Lusitana*, VII, 133 ss. Participa do português propriamente dito e do galego.

*

No regresso de Castro-Laboreiro trouxemos até Portellino o mesmo caminho da ida. Às alturas de Portellino desviámo-

nos da róta, por montes quasi nus de arvoredo, á vista de Lamas do Mouro, em direcção a Covalhão e Urjaes, d'onde seguimos até o Pêso. Acompanharam-nos constantemente as mesmas duas mulheres, que eram como duas cabras monteses, na rijeza physica e nos modos.

Lisboa, 1904-1916.

J. LEITE DE VASCONCELLOS (1).



(1) O precedente trabalho, de que se fará separata, relaciona-se, quanto ao plano, com outros opusculos meus, respeitantes á terra portugueza, tais como:

Uma excursão ao Soajo (Alto Minho), 1882 (eu deitaria ter escrito *a Soajo* em vez de *ao Soajo*, porque o povo pronuncia lá o nome sem artigo; só por longe se diz *o Soajo*. Em documentos medievais *Soagio* e *Suagio*, fórmulas alatinadas. Talvez *Soajo* se relacione com *soage* ou *soagem*, nome de uma planta. Na moderna toponimia galega ha *Soaje* e *Suaje*);

Por Tras-os-Montes (no prelo);

Pela Beira (no prelo);

Excursão á Extremadura Translagana, 1914;

Excursão archeologica ao Sul de Portugal, 1898;

Pelo Alentejo, 1912;

Excursão alentejana, 1914;

Entre Tejo e Odiana (no prelo).

Da Lusitania á Bética, 1900 (Alentejo e Algarve).

Em 1894 comecei a escrever um trabalho com o titulo de *No reino do Algarve*, porém não o acabei.